

Livros

Ideologia nacional e nacionalismo*

de Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida

Leitura e releituras de *Ideologia nacional e nacionalismo*: uma necessidade permanente

Reading and rereading *National ideology and nationalism*: a permanent necessity

por Célia M. Motta**

Em 1995, Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida apresentou resultados de suas pesquisas, especialmente do doutorado (Estado-nação e ideologia nacional), no livro *ideologia nacional e nacionalismo*. Com uma nova publicação e mesmo título, o autor demonstra a atualidade do tema, no momento exato em que os nacionalismos se exacerbam e as ideologias nacionais capitalistas revigoram e expandem as redes de dominação imperialista.

Almeida realiza uma revisão mais textual, com pequenas correções, como ajustes de recuos de citações anteriormente incorporadas ao texto e poucas alterações nos subtítulos. Percebe-se que a exatidão da interpretação histórica do período e temas analisados dispensou alterações ou ajustes ao conteúdo. Esta reapresentação de *Ideologia nacional e nacionalismo* chega, portanto, como uma reafirmação da importância da questão nacional, que se ampliou significativamente ao longo desses vinte anos.

Em 1995, quando se decretava o fim da história e a vitória do capitalismo “globalizante”, a proposta de se retomar a questão nacional como fundamental

* 2ª. edição. São Paulo: Educ, 2014.

** Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP. Professora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís-MA, Brasil. End. eletrônico: ce.motta@uol.com.br

para o entendimento dessa fase de transnacionalização do capitalismo andava bem na contramão dos caminhos traçados pelos “novos paradigmas” acadêmicos. Contudo, o auge da política econômica neoliberal significava também o início do esgotamento das medidas de abertura dos mercados nacionais e, ao longo desses vinte anos, a expressão “globalização” revelou suas contradições.

A concentração extrema do capital mundial pelos organismos financeiros paralisa a própria capacidade de recuperação das taxas de lucro capitalistas. Guerras imperialistas e medidas desenfreadas para extorquir as últimas reservas de mercado fecham fronteiras e lançam atualmente uma legião (que tende a crescer) de 38 milhões de refugiados. Inequivoca a atualidade do tema, oferecida nesta oportunidade de releitura de *Ideologia nacional e nacionalismo*, que se tornou uma referência teórica para os mais recentes debates políticos.

A própria construção da análise apresenta a necessária articulação entre as reflexões teóricas dos dois capítulos da primeira parte do livro com os quatro capítulos da segunda parte. Na primeira parte, *Estado-nação, ideologia nacional e luta de classes*, os dois capítulos traçam uma sequência de reflexões, que se iniciam com a proposta de análise dialética da grande obra de Marx (*O capital*), com a contribuição da concepção de Estado-nação de Nicos Poulantzas e dos estudos das ideologias do marxismo althusseriano.

No primeiro capítulo, *Estado-nação e ideologia nacional*, demarcam-se as relações entre *mercadoria, relações de produção, direito burguês e territorialidade* e a ideologia nacional, apresentando e demonstrando a hipótese inicial de “um nexos estrutural entre nação e capitalismo, na medida em que esse modo de produção constitui classes sociais distintas e antagônicas como uma comunidade de iguais...” (p. 27)

Na realidade, trata-se de uma constituição social desigual, mas que desempenha *um papel fundamental para a reprodução da própria dominação de classes*. Esse falso igualitarismo articula, portanto, um novo tipo de dominação de classe (capitalista). Essa forma de dominação, mas também as formas de resistência e as lutas de classes são tratadas no segundo capítulo (*Ideologia nacional e lutas de classes*), da primeira parte, demonstrando o entrelaçamento entre a ideologia nacional e o nacionalismo; suas *variantes* ideológicas e o *nacionalitarismo*.

Definido a partir do estudo da questão nacional de Lenin, o *nacionalitarismo* seria a possibilidade (desejada) de articulação do conteúdo democrático geral do nacionalismo de “nação oprimida” ao programa político-ideológico das classes dominadas. Contudo, tal articulação não seria “natural”, mas um resultado potencial das lutas de classes, uma vez que, por expressar demanda por autonomia, também pode ser articulada a outros componentes da “democracia

burguesa”. O desenvolvimento dessa hipótese é, portanto, fundamental para a análise das questões nacionais, nos contínuos momentos de crise do capitalismo e consequente recrudescimento das ofensivas imperialistas.

Nesta publicação, a segunda parte do livro, *Redefinições do nacionalismo populista no Brasil*, organiza-se em quatro capítulos. O primeiro sugere *Algumas questões e hipóteses sobre o nacionalismo populista no Brasil*, iniciando-se com a clara *atualidade do tema* e com a *bibliografia crítica* às teses que atribuíam à “burguesia nacional” a tarefa de um projeto de desenvolvimento capitalista autônomo. Sinteticamente, trata-se da crítica de Caio Prado Junior à possibilidade de aliança do movimento operário com a “burguesia nacional” – e suas referências a um “capitalismo burocrático”; do julgamento crítico de Celso Furtado às teses da existência de uma “burguesia nacional” nos países “subdesenvolvidos”; da polarização do debate entre as relações de produção dominantes no campo e na cidade – especialmente nos anos 60; da questão do papel da “burocracia estatal” na estruturação e disseminação de uma ideologia nacionalista, incluindo a percepção de Francisco Weffort de que o nacionalismo foi uma “transfiguração teórica do populismo”, com a “revolução de 1930”. Apresenta também as relações entre o nacionalismo e o Partido Comunista, em uma época de “intenso processo de associação entre o empresariado industrial brasileiro e o capital internacional” que, para Gabriel Cohn, encontrou a oposição dos estratos médios (intelectuais e burocracia de Estado), estimulando o nacionalismo –principalmente sob sua associação com a proposta de desenvolvimentismo do ISEB (p. 111).

Para Almeida, essas análises de Weffort, Caio Prado e Cohn estão nas bases de seu estudo sobre o nacionalismo populista no Brasil, também porque permitem expandir as questões do plano teórico, como a dicotomia *conflito-completaridade*; a relação entre *ideologia nacional e burguesia nacional ou burocracia de Estado*; ou mesmo o problema de ordem conceitual da maiorias das análises, que seria a carência de uma “teorização mais rigorosa sobre a ideologia nacional e o nacionalismo”. Contribuindo para a explicação desse “paradoxo do nacionalismo”, Almeida recorre às teses de Décio Saes, considerando as “variantes do nacionalismo populista” (pp.113-115).

Com esse suporte teórico, o autor apresenta *A constituição do nacionalismo populista no Brasil; A “revolução de 1930” e a crise no interior dos blocos no poder*¹; e *A matriz ideológica*. Da crise da ideologia dominante na “República

¹ Na primeira publicação (1995), esse item apresenta-se como “Crise estrutural”.

Velha” ao panorama político brasileiro que se iniciou com a “revolução de 1930”, a ampliação da burocracia estatal foi fundamental para a definição da política de desenvolvimento capitalista pós-30 – e da *matriz ideológica*: o tipo de nacionalismo *populista*. Esse tipo poderia ser classificado em quatro fases: *nacionalismo militar* (1930-45); *trabalhista* (1951-54); *triumfante* (governo JK); *reformista* (1961-64). O “nacionalismo triunfante” seria a configuração do nacional-populismo desenvolvida na segunda metade dos anos 50, com as características do desenvolvimentismo do governo de Juscelino Kubitschek. Essa questão mereceu a produção da obra *Uma ilusão de desenvolvimento – nacionalismo e dominação burguesa nos anos JK*, por Almeida em 2006, publicada pela Editora UFSC.

O segundo capítulo (2º parte), *O nacionalismo militar: uma configuração específica do nacionalismo populista brasileiro*, apresenta uma análise empírica meticulosamente fundamentada em depoimentos, discursos e material jornalístico da época. Nela figuram *os tenentes e Vargas; Simonsen e o nacionalismo da burguesia industrial*; continuando com *A crise do nacionalismo militar, quando a burguesia industrial escolhe o seu modelo; O PCB entra e a burguesia industrial sai*; seguido *pela exacerbação do nacionalismo burocrático*.

No terceiro capítulo (2º parte), Almeida apresenta *Duas variantes do nacionalismo populista no início dos anos 1960*, destacando *A ascensão do nacionalismo popular na fase final do populismo*; e *A burguesia dá adeus ao populismo*². Na sequência, *Nacionalismo e política na crise do capitalismo brasileiro no início dos anos 1960* compõe o quarto capítulo que, após todo o percurso histórico percorrido pelas análises teóricas e empíricas ao longo da obra, confirma a tese fundamental, reafirmada pelo autor: a importância do conhecimento das questões nacionais, da ideologia nacional e dos nacionalismos para a compreensão do processo histórico capitalista, que se desenvolve e avança em nível transnacional de exploração.

A fecundidade do tema não se esgota. A releitura de *Ideologia nacional e nacionalismo* tornou-se uma necessidade permanente.

² Ou “A burguesia industrial rompe com o populismo”, na primeira publicação (1995).